

Tradução e Interpretação de Língua Portuguesa para Libras: Conceitos Abstratos de Autonomia

Translation and interpretation of Portuguese language for libras: autonomy's abstract concepts

Flávia Medeiros Álvaro Machado^{1*}

* Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória - ES, 29075-910, e-mail: flavia.m.machado@ufes.br

Resumo: O presente texto foca a temática da atuação do Tradutor e Intérprete da Língua de Sinais (TILS), pesquisando sobre o uso da Língua Portuguesa (LP) para Língua Brasileira de Sinais (Libras), em processos de tradução cognitiva para uma interpretação simultânea. Nesse contexto, toda prática tradutória e interpretativa envolve várias competências e, entre elas, algumas específicas que podem ser compreendidas e desenvolvidas a partir das contribuições da Linguística Cognitiva. Os processos de categorização humana, com base no processo de “corporificação” (embodiment), têm elucidado fenômenos relativos à influência de modelos cognitivos e culturais sobre o modo como categorias conceptuais se estruturam e atuam no processo de “fazer sentido” das experiências biossocioculturais em situações variadas de interação comunicacional (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1999). A investigação configura-se em um estudo empírico em situação controlada, utilizando recursos de filmagem e sistema de transcrição linguística. De natureza experimental, investigam-se o conceito abstrato AUTONOMIA ao qual se apropria nos processos tradutórios e interpretativos de LP para Libras. O objetivo visa identificar os processos linguísticos e cognitivos nas atividades do TILS. Com isso, os procedimentos metodológicos foram divididos em seis etapas, experimentando o mesmo microtexto, em duas versões: (1º) o TILS não tem o conhecimento prévio do microtexto e realiza diretamente a interpretação simultânea e, (2º) o TILS teve o conhecimento prévio do microtexto para depois realizar a interpretação simultânea. As evidências identificadas contribuem para o aperfeiçoamento das competências e habilidades do TILS durante os processos de tradução, compreensão e interpretação simultânea das ocorrências lexicáticas. Os resultados revelam que a performance do TILS, quando “refinada” numa segunda versão, após obter o conhecimento prévio do texto interpretante, permite ao TILS alcançar mais referências sobre as escolhas feitas cognitivamente no ato tradutório, e posteriormente escolhendo lexemas de uma língua para outra num atividade interpretativa. Palavras-chave: Conceitos Abstratos. Tradução/Interpretação. Língua Portuguesa/Língua de Sinais. Linguística Cognitiva.

Palavras-chave: Conceitos Abstratos. Tradução/Interpretação. Língua Portuguesa/Língua de Sinais. Linguística Cognitiva.

Abstract: The present text focuses on the Translator and Interpreter of Sign Language (TILS) performance, researching the use of Portuguese Language (PL) for Brazilian Sign Language (Libras), in cognitive translation processes for simultaneous interpretation. In this context, every translational and interpretive

¹ Doutora em Letras (UFSC), professora permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGEL) e professora adjunta no Departamento de Línguas e Letras (UFES/UFES).

practice involves several competences and, among it, some specific ones that can be understood and developed from the contributions of Cognitive Linguistics. The human categorization processes, based on the embodiment process, have elucidated phenomena related to the influence of cognitive and cultural models on how conceptual categories structure and act in the process of "making sense" of biosociocultural experiences in communicational interaction situations (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1999). The research is configured in an empirical study in controlled situation, using filming resources and linguistic transcription system. Of experimental nature, the abstract concept AUTONOMY is investigated to which it appropriates in the translatory and interpretative processes of PL for Libras. The goal is to identify linguistic and cognitive processes in TILS activities. Therewith, the methodological procedures were divided into six stages, using the same microtext, in two versions: (1º) TILS did not have prior knowledge of the microtext and performed the simultaneous interpretation directly, and (2º) TILS had prior knowledge the microtext and then perform the simultaneous interpretation. The identified evidence contributes to TILS competences and abilities improvement during the processes of translation, comprehension and simultaneous interpretation of lexematic occurrences. The results reveal that TILS performance, when "refined" in a second version, after obtaining a interpreting text previous knowledge, allows the TILS to reach more references about choices made cognitively in the translation act, and later choosing lexemes from one language to another in an interpretive activity. Keywords: Abstract Concepts. Translation/Interpretation. Portuguese Language/Sign Language. Cognitive Linguistics.

INTRODUÇÃO

A presente proposta visa analisar o processo de tradução e interpretação de conceitos abstratos da língua portuguesa (LP) para língua brasileira de sinais (Libras), por parte do TILS, de Libras para Libras e de Libras para língua portuguesa (LP) escrita por parte de sujeitos surdos. O objetivo da pesquisa é analisar as particularidades lexicais e semânticas dos conceitos abstratos da LP nos processos tradutórios e interpretativos da língua de sinais (LS). A pesquisa, de caráter empírico, em situação controlada, que envolve sujeitos oriundos de duas regiões do Sul do Brasil, com a participação de seis TILS graduando e graduados, que atuam com acadêmicos universitários surdos do ensino superior. O processo de pesquisa implica em identificar os processos cognitivos da LS através da ação mediada da prática tradutória e interpretativa, transcrevendo a LS para LP, usando o software do ELAN; para verificar, através da análise linguístico-cognitiva, as competências necessárias para tradução cognitiva bilíngue do TILS da LP na modalidade visuo-gestual; a qual permitiu analisar as disposições da prática regional do ato tradutório cognitivo na mediação do TILS da língua fonte para língua alvo. Identificando os aspectos interlinguísticos intervenientes na ação do TILS durante a tradução em Libras registrada pelo sujeito surdo. Sendo assim, a avaliação se deteve na

competência pragmática dos processos de compreensão e interpretação do texto fonte, numa intenção comunicativa do locutor, em que mantém a lógica de seu discurso, e a competência semântica a partir das marcas linguísticas do discurso do locutor e do interlocutor, ao elaborarem construções que expressam conceitos abstratos que possuem correspondentes lexicais na língua portuguesa, mas não, necessariamente, em Libras.

Esta investigação caracteriza-se como um estudo empírico em ambiente controlado, ao mesmo tempo que se serve do que a literatura teórica e aplicada disponibiliza sobre os aspectos linguísticos e cognitivos (de linguagem em uso) do referido sistema de comunicação (LP e Libras).

Para a transcrição e análise do corpus obtido do processo de análises, utilizou-se do software ELAN – Eudico Language Annotator – que é uma ferramenta de transcrição de vídeos e áudios na sua integridade da pesquisa, cujo essa ferramenta permite inserir trilhas conforme necessidade da pesquisa e transcrever em glosas as particularidades lexicais, com ênfase nos conceitos abstratos dos aspectos semântica-pragmática da interpretação simultânea da LP para Libras.

Com essas análises visa responder às seguintes questões: (1) Como se dá a tradução cognitiva de conceitos abstratos em LP para Libras? (2) Como as escolhas são realizadas durante a interpretação simultânea de conceitos abstratos impacta na compreensão do leitor-surdo? Das respostas (1) e (2), quais competências e habilidades o TILS necessita desenvolver para tornar-se mais eficaz a tarefa interpretativa da língua fonte para língua alvo?

2 LÍNGUA DE SINAIS E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Há algumas décadas, não se considerava o fato de as línguas de sinais serem uma língua natural ou uma língua com semelhanças linguísticas como outro idioma das línguas orais (LO). Durante muito tempo a linguística se acreditou que os sinais manuais seriam apenas mímicas, pantomimas e/ou gestos isolados. Segundo Quadros (1997), as línguas de sinais são utilizadas pela comunidade surda e do mundo inteiro, as mesmas características que as línguas orais apresentam linguisticamente. Todavia, as línguas de sinais são captadas através de experiências visuais das pessoas surdas e, portanto, nesse aspecto, se tornam distintas das línguas orais.

As línguas de sinais são sistemas [linguísticos] que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivaram das línguas orais, mas

fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade [linguísticos]. (Quadros, 1997, p.47)

Segundo Fernandes (2003), definindo as línguas espaço-visuais, que se diferenciam das línguas orais-auditivas, esclarece:

As línguas são denominadas orais-auditivas quando a forma de recepção não grafada é a oralização. De outro lado, são espaço-visuais quando a recepção se dá pelo sentido da visão. Nos dois casos, mesmo diferentes os canais de recepção, cumprem a função de permitir a comunicação e a interação entre membros de um grupo cultural. A língua a ser utilizada – oral-auditiva ou espaço-visual - é adequada para o caso de comunicação entre ouvintes e surdos, respectivamente, pois atingirá os canais de recepção [linguística] específicos a cada sujeito, em seu contexto cultural. (Fernandes, 2003, p.17).

Esse estudo proposto, busca examinar os aspectos da LS e sua estrutura semântica cognitiva. Segundo Quadros (1997, p.119), “a língua de sinais [sic] envolve movimentos que podem parecer sem sentido para muitos”, mas que, para os surdos, “significam a possibilidade de organizar [ideias], estruturar pensamentos e manifestar o significado da vida [...]”. Dessa forma, os sujeitos surdos conseguem estabelecer uma forma de comunicação mediante a aquisição e contato da LS. Como nas línguas orais, a LS se constitui distintamente, de acordo com suas culturas, permitindo da construção natural das identidades culturais que as comunidades surdas criam e recriam numa intenção comunicativa. As pesquisadoras reforçam “que uma língua de sinais não é transparentemente inteligível por surdos monolíngues de outra língua de sinais” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 32), isto é; cada região tem a sua língua construída e constituída culturalmente. Por exemplo, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 32), no Brasil, “o sinal manual para <NÃO>, apesar de ser considerado icônico”, poderá apresentar um significado completamente diferente para a Libras, como também para Língua de Sinais Americana (ASL). Com isso, os sinais manuais para <NÃO> e <ONDE> são diferenciados pela marcação das expressões de negação e interrogação do usuário da LS. O sinal manual para <NÃO> tem o significado de negação no Brasil, mas para ASL o sinal manual de <NÃO> representa o significado linguístico-cultural para <ONDE>, conforme a ilustração:



Figura 1: Sinal manual do Léxico <NÃO>



Figura 2: Sinal manual do léxico <ONDE>
(ASL)

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 32)

A LS exerce forte influência sobre a construção da identidade surda, seja no Brasil e fora dele. Nesse sentido, as pesquisas relatam que entre os membros da comunidade surda existe a consciência de que o sinal deve evocar a ideia ou representar um significado cultural em sua comunidade de uso da LS. Com isso, a língua carrega a marca linguística e cultural (identidade) de seus usuários, o que representa um elemento fundamental de coesão na construção intersubjetiva de traços identitários. Nesse sentido, a Libras tem um papel fundamental na comunidade surda, como uma comunidade linguística. Segundo Gumperz (1984):

comunidade linguística é todo aglomerado humano caracterizado por uma integração regular e frequente por meio de um conjunto de signos verbais compartilhado por todos os indivíduos desse aglomerado, distinto de outros aglomerados semelhantes por causa de diferenças no uso na linguagem (Gumperz, 1984, p. 269).

Assim, no todo do léxico linguístico, ainda há muitas variáveis de lexemas em Libras, ou seja, uma variação linguística e cultural. O usuário dessas variedades compreende os significados de cada sinal manual, de forma a contextualizar o que a comunidade surda manifesta em sua cultura. Já uma língua oficial é uma entre as variedades linguísticas de uma nação. Segundo Heredia (1989), numa comunidade linguística:

seus membros têm em comum ao menos uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles,

repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo ou do subgrupo de referência. (Heredia, 1989, p.179).

Essas normas constituem um sistema de convenções que se representam por “glosas com palavras do português nas transcrições” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 37-8). No sistema de transcrição da LS, em alguns casos, é utilizada uma notação, quando são “antecedidos de um asterisco, a sentença ou o sinal é agramatical, ou seja, não é possível de ser gerada/o na língua de sinais[...]”, sendo representados de uma forma simplificada na Libras. Conforme as autoras, “o movimento, a mudança da expressão facial e a mudança na direção do olhar” necessita encontrar novas convenções fonéticas para realizar com precisão uma transcrição nas trilhas constituídas no ELAN. Por isso, símbolos são criados especificamente para transcrever em glosas da LP para Libras, relacionando o uso das expressões que se apresentam, por exemplo, em um único sinal manual.

A construção das sentenças possui regras gramáticas independentes das línguas orais, seguindo de representações (arquitetura) mentais das percepções visuais e espacial, como, por exemplo, o sintagma em LP traduzido/interpretado para Libras:

LP: O menino vai para casa.
Libras: [<menin@+homem> casa ir]

A aquisição de um sistema linguístico supõe a organização/reorganização de todos os processos mentais do sujeito. Como afirmam Quadros (1997) e Góes (2002), a linguagem constitui-se em instrumento fundamental para o conhecimento humano, e com isso o homem pode superar o limite da experiência sensorial, individual, e formular generalizações ou categorias mentais. Pode-se dizer que, sem a linguagem, o homem não terá formado o pensamento abstrato. A linguagem, na sua forma estruturada de língua, apresenta-se, assim, como fator de formação da consciência, permitindo pelo menos três mudanças essenciais à criatividade consciente do homem em ser capaz de duplicar o mundo perceptível, assegurando o processo de abstração e generalização, e sendo veículo fundamental de transição e informação (Bernardino 2000; Brito, 1995).

A LS é uma língua de estrutura natural para comunicação da comunidade surda, considerado como a primeira língua (L1). Para Quadros e Karnopp (2004, p. 30) a língua natural é definida “como um sistema linguístico legítimo e não como um problema surdo ou como uma patologia da linguagem”. As autoras afirmam com isso (apud Stokoe, 1960)

que “[...] a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças”. De acordo com Quadros (1997):

A [Libras] é adquirida pelos surdos brasileiros de forma natural mediante contato sinalizadores, sem ser ensinada [...], conseqüentemente deve ser sua primeira língua. A aquisição dessa língua precisa ser assegurada para realizar um trabalho sistemático com a L2, considerando a realidade do ensino formal. A necessidade formal do ensino da língua portuguesa evidencia que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda. (Quadros, 1997, p. 84)

Porém, a aquisição da segunda língua (L2) para a comunidade surda é gerada através do contato com o usuário ouvinte da LP, sendo a Libras, para o ouvinte, sua L2.

3. CONCEITOS ABSTRATOS EM LÍNGUA DE SINAIS: CONTEXTUALIZAÇÃO, COMPREENSÃO E TRADUÇÃO

Entende-se que as línguas orais e as línguas auditivas são complexas em seus aspectos linguísticos e culturais. Para Dascal (2006) a fala é entendida desta forma:

[a] fala normalmente é utilizada para transmitir uma interpretação pragmática, e o sucesso na comunicação é medido pela capacidade de o destinatário alcançar essa interpretação. Isso, quando ocorre, é o que o termo 'compreensão' geralmente abrange. Observem que a compreensão é sempre uma compreensão pragmática. Não se trata apenas de compreender as palavras do falante (determinando o significado da sentença), nem de compreender tais palavras em sua específica referência ao contexto da elocução (determinando o significado da elocução), e sim de alcançar a intenção do falante ao proferir tais palavras naquele contexto (determinando o significado do falante). (Dascal, 2006, p. 106-107).

A interpretação consiste em encontrar 'pistas' de significados implícitos, em entender a polissemia dos itens lexicais que expressam conceitos abstratos e em determinar, em cada enunciado, o que expressam em função do contexto linguístico-situacional. Além disso, há uma capacidade individual de estruturar conhecimentos, numa habilidade própria de organizar as experiências cognitivas. Bernardino (2000, p. 66) ressalta que “a linguística cognitiva tem-se dedicado ultimamente [...] [a] produção linguística com relação aos aspectos processuais ou representações mentais da mente”.

Em função disso, quando o TILS se depara com a tarefa de sinalizar conceitos abstratos surgiu uma variedade de problemas de escolhas interpretativas a serem resolvidos em frações de segundos de uma língua para outra. Por exemplo, para certos conceitos lexicalizados em LP não há sinais manuais que são equivalentes em Libras. Além disso, há dependência estrita dos contextos especializados em que o TILS atua como, por exemplo: Contexto Comunitário (educacional, jurídico e clínico), Contexto de Conferência (reuniões de cúpulas), e outros. Assim, numa tradução cognitiva de LP para Libras, observa-se os conceitos abstratos que recebem diferentes interpretações, como, a título de exemplo, o conceito abstrato de REFLETIR. Esse conceito tem seu significado dependente do uso semântico-pragmático do uso sintagmático. Em Libras, o sentido do verbo ‘refletir’ pode ser configurado como um sinal manual sem contextualizar o sentido, conforme a Figura 3:



Figura 3: Sinal manual para Conceito Abstrato REFLETIR²

Esse sinal manual realizado nesse lexema faz parte do léxico específico da Libras, sendo possível encontrar variações linguísticas para essa ocorrência lexemática. Observando o enunciado da sentença em LP (a-LP):

(a-LP): “[...] a crise econômica ‘refletiu’ em alguns nichos do mercado[...].”

O conceito abstrato de REFLETIR no enunciado se acarreta durante uma tradução/interpretação para Libras, com o sentido dos lexemas ‘influenciar’ ou ‘incidir’ na sentença em LP (a-LP). No entanto, as escolhas interpretativas da LP para Libras foram realizadas com o sentido de ‘prejudicar’, conforme transcrição em glosas realizadas pelo TILS e o surdo:

² Ressalta-se que o sinal manual configurado conforme a figura 3 pode ser realizado, conforme o uso sintagmático, como por exemplo em algumas regiões do Brasil pode ser traduzido/interpretado com o sentido de <IMAGINAR> ou <SONHAR>.

(a-Libras): “<problema sério economia ‘prejudicar dentro trabalho + pessoas>”

Em Libras o item lexical 'prejudicar' quando seguido de um único sentido cognitivo pode distanciar do sentido polissêmico do conceito abstrato REFLETIR. O entanto, se a escolha interpretativa para o sentido de ‘prejudicar’ na sentença em LP (a-LP) seguir com o significado de que algo ‘afetou’ no trabalho (mercado de trabalho) amplia cognitivamente para o leitor-surdo o sentido. Sendo assim, o sentido de ‘prejudicar’ na sentença (a-Libras) é um sinônimo para o lexema de ‘afetar’, o que se aproxima e correlaciona ao sentido para o conceito abstrato de REFLETIR da sentença em LP (a-LP). Sendo assim, a tradução e/ou a interpretação com a ocorrência lexemática em Libras para ‘prejudicar’ pode ser configurado em mãos conforme apresentado na Figura 4:



Figura 4: Sinal manual de ‘prejudicar’

As particularidades lexemáticas do conceito abstrato REFLETIR e sua expressão lexical em LP ficam evidentes em (a-LP), que toda tradução e/ou interpretação são guiadas por uma estratégia semântico-pragmática. E isso se deve ao fato do léxico da LS ter propriedades diferenciadas do léxico das línguas orais e vice-versa. Segundo a hipótese (versão fraca) de Sapir-Whorf, aceita pelos estudiosos de Linguística Cognitiva, a língua influencia a maneira de pensar de uma cultura (Sapir-Whorf, 1958). Portanto, não se pode negar que o modo de pensar do usuário de LP diferencia-se daquele do usuário em Libras, e esses universos cognitivos permanecem em diálogo constante no ato tradutório.

O uso da datilologia, conhecido também como a “soletração manual [...] direta do português, é uma forma de representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que têm correspondência com a sequência de letras escritas do português” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 88), é um recurso de mediação entre esses universos linguístico cognitivos. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 88), “o léxico não-nativo contém palavras em português que são soletrados manualmente, e

essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira”. Os TILS soletram palavras do português em uma variedade de contextos, pois, quando surgem terminologias especializadas e não se encontra um lexema manual equivalente, tomam como empréstimo o código linguístico da LP, o alfabeto manual.

De acordo, com Bernardino (2000, p. 66), “o problema está em explicar como esses conhecimentos [conceitos] se integram para formar a cognição como um todo”. Por isso, enaltesse que todo o TILS necessita compreender (traduzir cognitivamente) o conceito em sua língua materna para dar sentido lexemático a língua interpretante. Porém, em muitos casos de tradução ou interpretação não há recursos para um conhecimento prévio do assunto a ser simultaneamente interpretado da LP para Libras. Assim, a autora enfatiza que a compreensão de um léxico não deriva simplesmente do significado do lexema em LP para o lexema em Libras, por isso

[...] as pessoas não podem entender palavras que ouvem somente selecionando significados a partir de uma lista do léxico [...]. Elas devem criar significados a partir de informações que acreditam serem comuns entre elas e o falante. A compreensão da palavra, então, pode ser vista como uma mistura de seleção e criação de significados. Em um processo centrado no contexto, os ouvintes usam a situação e o contexto da sentença para a compreensão do que o falante quer dizer. Quanto mais informações o contexto provê, maior é a confiança conseguida na construção do significado. (Clark, 1992, apud, Bernardino, 2000, p. 66-67).

Compreender o conceito abstrato em uma tradução e/ou interpretação é fundamental para que o TILS realize uma tradução/interpretação mais refinada e contextualmente próxima ao sentido da língua de partida para língua de chegada. Evitando assim, traduções e/ou interpretações com distanciamento de sentidos, o que por falhas na comunicação ocorre gerando os problemas de compreensão, decorrentes dos usuários dos léxicos da LP e Libras. No caso específico desta pesquisa, enfatizam-se que as competências de compreender, interpretar e traduzir itens lexicais da LP são polissêmicos e expressam conceitos abstratos relativamente complexos, mesmo para os usuários de LP como L1.

4. O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LS: COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Na medida em que a Libras passou a ser reconhecida como língua de uso, os surdos passaram a ter garantias desde o acesso à informação, educação e comunicação, por meio da prestação dos serviços do TILS, profissional esse que acessibiliza a comunicação entre surdos e ouvintes. As instituições de ensino e empresas já vem se adequando e garantindo a presença do TILS em diferentes contextos linguísticos e culturais da pessoa surda. Quadros (2002, p. 13) afirma que todo o “[...] processo histórico deste profissional se deu a partir de atividades espontâneas que foram sendo valorizadas enquanto atividades de trabalho no decorrer do tempo em que os surdos foram construindo seu espaço de cidadania.”

As competências e habilidades que envolvem a tradução e interpretação, assim como a aplicação de modelos teóricos ligados à formação dos tradutores e intérpretes das LS, pautam-se, conforme Hurtado Albir (2005) na seguinte afirmação:

[e]mbora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo o bilíngue possui competência tradutória. A competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores (Hurtado Albir, 2005, p. 19).

Essa competência se vincula a um “processo tradutório”, pois segundo Robinson (2002, p. 133):

a tradução é um ciclo constante de aprendizado que passa pelos estágios do instinto (disposição indistinta), experiência (trabalho no mundo real) e hábito (“prontidão para a ação”) e, dentro da experiência, pelos estágios de abdução (conjecturas), indução (criação de modelos) e dedução (regras, leis teorias). (Robinson, 2002, p. 133).

O tradutor/intérprete realiza mediação comunicacional entre ouvintes e surdos, em diferentes interações com um ou mais interlocutores, tais como: consultas médicas, audiências jurídicas, trâmites e outros eventos que se necessita de uma acessibilidade comunicacional e mesmo assim, constantemente se enfrenta e resolve os problemas que surgem durante a tarefa da tradução e interpretação de maneira analítica consciente. (Robinson, 2002, p. 133).

Mesmo com o crescente investimento na formação de tradutores e intérpretes de LS, ainda persiste uma grande falha de entendimento da real função do TILS. Muitas pessoas ainda consideram a interpretação de LS como um serviço caritativo ou uma habilidade simples, comparável à mímica. Outros tantos se autodenominam intérpretes

sem nunca terem passado por qualquer formação, que os capacitem e os habilitem para essa atividade de mediação comunicacional. Acredita-se de fato que é imprescindível que além dos tradutores/intérpretes das línguas orais, os TILS também precisam obter as competências tradutórias bilíngues, mas ainda é possível encontrar pessoa consideradas bilíngues, porém não possuem competências tradutórias, como bem alerta Hurtado Albir (2005).

Além disso, o TILS precisa ser fluente em determinado sistema linguístico, já que precisa interpretar simultaneamente da língua de partida para língua de chegada. Assim, segundo Pereira e Russo (2008, p. 12), o TILS:

precisa ter seu espaço próprio, que suas funções não sejam mescladas e confundidas com as dos professores, monitores, auxiliares ou qualquer outra função. Nossa tarefa é de sermos mediadores linguísticos e culturais em diversas instâncias, atuando como interpretes de conferências em palestras, seminários, congressos e congêneres; interpretes acompanhantes em entrevistas, trâmites burocráticos, consultas médicas e jurídicas, tradutores quando os surdos sinalizam e temos que colocar na língua escrita e também como intérpretes educacionais nas instituições de ensino. (Pereira e Russo, 2008, p. 12)

Com as pesquisas crescendo na área da tradução e interpretação, problematiza-se o que se tem encontrado em depoimentos publicados em obras de referências na área da surdez, que deixam transparecer um grau de desconfiança sobre a capacidade da atuação do TILS. Identifica-se que uma das limitações é a falta de avaliação da tarefa do TILS em diferentes contextos. Para Sá (1999), ainda persiste a necessidade de mais pesquisas sobre a tarefa de traduzir e interpretar língua de modalidades distintas na sua estrutura gramatical e cultural. Em suma, a competência tradutória abrange um amplo “conhecimento especializado”, gerado por uma soma de competências e habilidades que implica na identificação profissional do “tradutor e o distingue de outros falantes bilíngues não tradutores.” (Hurtado Albir, 2005. p. 15).

5. CONCEITOS ABSTRATOS: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA COGNITIVA (LC)

Os conceitos abstratos projetam a realidade de acordo com nossas experiências. Uma categoria conceptual agrupa um conjunto de entidades e as representa em estruturas mentais. Segundo Delbecque (2008):

o mundo não é uma realidade objectiva em e por si mesma. Ela aparece-nos sempre de uma forma ou de outra por meio de nossa actividade que consiste em categorizar com base em nossa percepção, nos nossos conhecimentos, no nosso estado de espírito; em suma, a partir de nossa condição humana. Isto não quer dizer que a realidade assim criada seja subjectiva, uma vez que conseguimos chegar a acordo sobre as nossas experiências intersubjectivas. Com efeito, viver em sociedade significa partilhar experiências comuns. (Delbecque, 2008, p. 35)

Essa visão é chamada de “experencialista” (Lakoff, 1987; Feltes, 2007). Como observado os conceitos como FRUTA, MESA, LIVRO envolvem processos de categorização que são resultados da interação de nossa percepção, conhecimentos socioculturais e situacionais (da língua em uso). Embora pareçam menos problemáticos, eles implicam, em sua construção e uso, em uma série de operações cognitivas e acordos com a comunidade de fala. Outros conceitos como VIOLÊNCIA, LIBERDADE, AMOR, VIDA, JUSTIÇA (Feltes, 2007) são mais complexos em sua construção e aplicações a contextos de fala, pois são afetados pela natureza das instituições sociais, jurídicas, religiosas, entre outras, as quais variam sobremaneira de cultura para cultura e de subcultura para subcultura em uma mesma comunidade. São considerados abstratos à medida que implicam mais operações de abstração, em que crenças e valores introduzem não apenas maior variação, mas também mais negociações de sentido em eventos de fala.

Seguindo a proposta da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff, 1987), conceitos e categorias têm sua estrutura motivada por modelos cognitivos e culturais. Estes são construções que organizam o pensamento através das relações humanas e culturais, porque temos o corpo que temos e interagimos no mundo de modo a compartilhar certas experiências. Como construtos, são idealizados porque não “representam” o mundo de forma objetiva, são relativamente estáveis, mas sujeitos à variação em função da dinâmica das relações socioculturais historicamente determinadas. Ou seja, “[o]s modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, cognitivo experencialmente determinada, são resultado da capacidade de categorização humana” (Feltes, 2007, p. 89). E mais: os “MCI são utilizados para organizar diferentes domínios de experiências, para entender o mundo, para dele construir sentido”. (p. 127). A autora,

fundamentando sua posição a partir de Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (1999), salienta que:

[...] cada indivíduo pertence, simultaneamente, a diferentes grupos, em diferentes níveis simultâneos de “localidade” (mais alta ou mais baixa numa hierarquia; mais imediatos ou menos imediatos). Ao mesmo tempo, não existe um repositório separado de conhecimentos linguístico ou cultural fora de qualquer comunidade e linguística. Entretanto, os esquemas individuais, a serem construídos, agregam detalhes individuais relativamente ao que é percebido como normas ou formas culturais relevantes, principalmente porque o indivíduo é, em certo nível, consciente ou “conscientizável” de seus próprios desejos, percepções e sentimentos, existindo à parte de e em contradistinação a essas comunidades que imputam as normas e formas de linguagem e cultura (Feltes, 2007, p. 90).

As categorias conceptuais, por sua vez, ao inscreverem-se na língua tornam-se categorias linguísticas, de modo que, conforme Delbecque (2008):

a comunidade “tradu-las” em signos linguísticos. Uma visão mais abrangente da língua como sistema de signos ultrapassa o tipo de ligação entre a forma e o significado de um signo linguístico. Este é então ligado ao “conceptualizador” humano e ao mundo que é o seu, isto é tal como ele o vive. O conceptualizador, as categorias conceptuais e os signos linguísticos estão ligados entre si (Delbecque, 2008, p. 35).

Essa interligação é mais complexa quando se examinam conceitos abstratos. Mais ainda quando se colocam em contato sistemas linguísticos, por processos tradutórios. Isso porque se as categorias linguísticas de um sistema e outro estão afetadas aos processos de conceptualização/categorização cognitiva e socioculturalmente orientados e, ainda, pela hipótese Sapir-Worf, sistemas linguísticos influenciam a forma como o “mundo” é organizado, há que se colocar em relevo as negociações que têm lugar quando sujeitos que têm Libras como L1 são introduzidos num universo de significações que parte da LP, reorganizando-as de acordo com as categorias conceptuais e linguísticas dessa L1.

Segundo a semântica experiencialista, que é o fundamento da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados: “[o] significado não é uma coisa; ele envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significatividade deriva da experiência da atuação como um ser de um certo tipo em um ambiente de um certo tipo.” (Lakoff, 1987, apud Feltes, 2007, p. 126),

Nos estudos sobre a significação, sobretudo naqueles que se dedicam à investigação de conceitos abstratos, destaca-se o fenômeno da polissemia: um item lexical pode ter vários significados. Conforme Feltes (2007, p. 182-183):

[o]s sentidos se multiplicam porque a mente constrói na experiência, numa experiência com os outros, uma experiência reconstruída pela memória dessas experiências ou pelo sentido das interações que geraram esses sentidos, que os transformaram e que, de um modo ou de outro, em diferentes graus de consistência, orientaram nossa vida interior e nossos modos de convivência. (Feltos, 2007, p. 182-183).

De acordo com Croft (1999, apud Feltos, 2007, p. 183), a “análise polissêmica, por sua vez, é sustentada pela ideia de que “dois usos de uma forma são semanticamente relacionados um com o outro por um processo semântico [...]”. Na mesma sequência, para Deane (1998, apud Feltos, 2007, p. 183) “as propriedades da polissemia surgem diretamente das características da cognição humana”, e fundamenta seu posicionamento em três problemas encontrados na teoria a polissemia: (1) seleção de sentido, (2) parentesco semântico e (3) identidade da categoria. O problema (1) está intrinsecamente ligado à ambiguidade lexical, ou seja, “reflete claramente a flexibilidade do pensamento humano” (Feltos, 2007, p. 183). O problema (2) vincula-se a “uma função da estrutura da memória humana”: “[u]m pequeno conjunto de estruturas conceituais básicas relaciona sentidos ao conectá-los ao conhecimento compartilhado do mundo pelas pessoas [...]” (p. 184). O problema (3) revela “a dificuldade em determinar se a polissemia envolve uma palavra ou duas”. Em suma, a polissemia envolve as “questões de flexibilidade cognitiva, organização da memória e categorização” (p. 185). Feltos (2007, p. 185), segue o ponto de vista de Deane (1998), concluindo que “a polissemia nada mais é do que uma consequência natural da interação e da flexibilidade das estruturas conceptuais.”

Em linhas gerais, é esse o ponto de vista que tomamos da LC para a condução de nossa investigação sobre processos tradutórios e interpretativos que envolvem os conceitos abstratos, na interação entre LP-Libras-LP.

6. MÉTODO E PROCEDIMENTOS

A pesquisa caracteriza-se como estudo empírico por meio de um experimento em situação controlada, com projeto aprovado pelo Comitê de Ética do grupo de pesquisa. Como não se trata de testar métodos de tradução ou interpretação, mas de verificar quais são os recursos explorados na tradução cognitiva, por TILS proficientes, com uso de textos originalmente elaborados em LP para interpretar em Libras numa situação de comunicação com surdos, não se lança mão de grupo de controle e grupo experimental, nem de etapas pré e pós-teste. As etapas do procedimento empírico são as seguintes:

1. **Elaboração de textos pragmaticamente contextualizados:** envolve a construção de um conjunto de textos contextualizados com condições mínimas, necessárias e suficientes, para que sejam compreendidos pelo TILS, traduzidos cognitivamente e, então, interpretado simultaneamente para Libras. Ou seja, devem ser suficientemente contextualizados para garantir sua coerência semântico-pragmática. Em sua constituição semântico-lexical há conceitos abstratos que possuem, em LP, um lexema estabelecido, em geral, polissêmico. Por essa razão, serão explorados lexemas cujo o sentido varie em cada enunciado, podendo, num mesmo texto, empregar-se o mesmo lexema com sentidos diferentes, de acordo com a intenção comunicativa de cada enunciado em que aparece na sentença. Os conceitos VIOLÊNCIA ('violência'), AUTONOMIA ('autonomia'); RADICAL ('radical') são candidatos para o experimento. Porém fará uso para esse artigo o conceito de AUTONOMIA.
2. **Seleção dos sujeitos participantes do experimento:** participam do experimento são dois grupos de TILS, proficientes, graduandos ou graduados em Letras-Libras: bacharelado de tradução e interpretação, habilitados conforme a legislação referida no Decreto de n. 5.626/2005, sendo que cada grupo são provenientes de dois estados diferentes do Brasil. Os sujeitos surdos, em número de seis, quem têm como L1 Libras e, como L2, LP (modalidade escrita).
3. **Condução do procedimento de tradução e interpretação:** são seis as etapas de pesquisa: (1ª) O TILS realiza a interpretação simultânea dos textos elaborados em sintaxe da LP para sintaxe em Libras.³ (2ª) O sujeito surdo, ao final de cada interpretação, expressa em Libras o que compreendeu da interpretação simultânea realizada pelo TILS. (3ª) O sujeito surdo, em seguida, expressa em LP na modalidade escrita o que compreendeu da interpretação realizada pelo TILS nessa primeira versão. (4ª) O TILS traduz cognitivamente o mesmo texto utilizado no item (1ª) e em seguida realiza novamente a interpretação simultânea da LP para Libras. (5ª) O sujeito surdo, ao final da interpretação simultânea, expressa em Libras o que compreendeu dessa segunda versão interpretada simultaneamente. (6ª) O sujeito surdo, em seguida, expressa em LP na modalidade escrita, o que compreendeu da interpretação realizada do mesmo texto numa segunda versão.

(d) **Registro do processo descrito em (c):** o experimento é filmado se utilizando de três câmeras digitais, sendo duas: (1ª) virada com ângulo direcionado para o surdo e a (2ª) virada com um ângulo direcionado para o TILS, e a terceira câmera direcionada para capturar as imagens dos interlocutores num campo de visão abrangente as demais câmeras, conforme ilustrado na Figura 5:

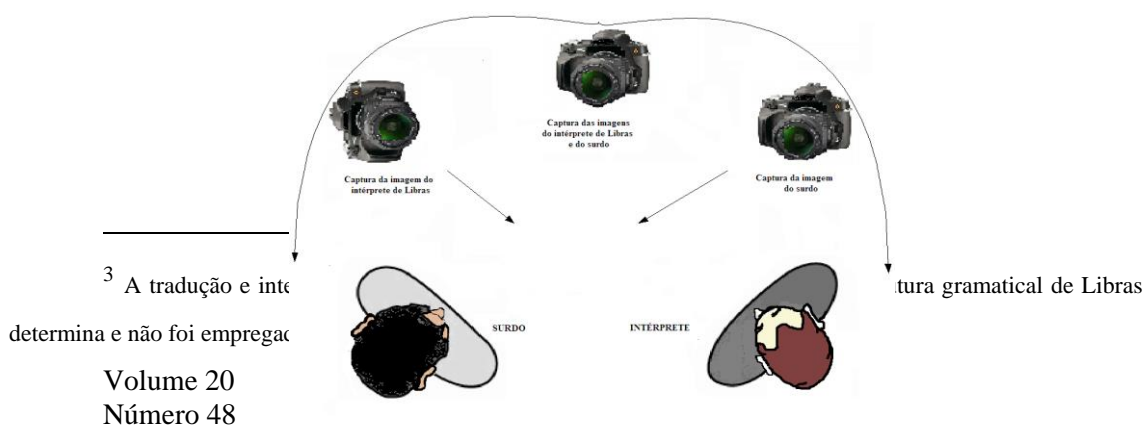


Figura 5: Ilustração do procedimento de captura das imagens

(e) **Transcrições da LP para Libras⁴:** dentre os *softwares* disponíveis, foi escolhido para esta pesquisa o ELAN, sistema criado pelo *Instituto Max Planck* de Psicolinguística. Nas palavras de Quadros e Pizzio (2009, p. 22), o ELAN (*EUDICO – Linguistic Annotator*):

é uma ferramenta de anotação que permite que você possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvido no Instituto de Psicolinguística Max Planck, Nijmegen, na Holanda, com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimídia. ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos, mas pode ser usado por todos que trabalham com corpora de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes. (Quadros e Pizzio, 2009, p. 22).

No sistema de transcrição da Libras é necessário adicionar 'trilhas' linguísticas que definem os atributos com que se irá trabalhar. Em nosso corpus de pesquisa serão focalizados os sinais empregados pelos TILS para expressar os conceitos abstratos a partir dos textos elaborados e aqueles empregados pelos sujeitos surdos em sua compreensão expressada em Libras. Assim, para “[c]ada trilha é atribuída a um tipo linguístico. Cada tipo linguístico especifica um número de restrições que se aplicam para todas as trilhas atribuídas a esse[s] tipos” (Quadros; Pizzio, 2009, p. 27).

⁴ Segundo Quadros e Pizzio (2009) a transcrição é a forma de representar os discursos, as falas e os sinais, através de uma lista de símbolos especiais. Conforme Quadros e Pizzio (2009), “[p]or meio da transcrição, podemos estudar todos os níveis de análise de uma língua (fonológico, morfológico e sintático). No caso das línguas de sinais, o estudo [linguístico] é recente e se comparado às línguas orais”. (p. 20). Conforme advertem Quadros e Pizzio (2007 apud 2009, p. 21): “a grande dificuldade ainda está nos sistemas de notação, ou seja, nas formas de representar os sinais nos sistemas de transcrição de dados (ver McCleary; Viotti, 2007). Isto porque cada grupo de pesquisa utiliza uma notação diferente ou adaptações de um mesmo sistema de notação, de acordo com seu objeto de estudo, dificultando assim a padronização e a possibilidade de armazenar seus trabalhos em um único banco de dados, acessível a qualquer pesquisador.”

A linha das glosas será seguida pelos sinais regionais dos dois estados brasileiros, visando à comparação das variedades linguísticas que há em Libras. Registrou nas trilhas as informações das particularidades lexicais dos conceitos abstratos. Permitindo uma sistematização dos registros e das análises naquilo que é objeto desta pesquisa. É importante ressaltar, com relação à questão do modelo de transcrição, que McCleary e Viotti (2007) propõem outro modelo no qual existem diferentes trilhas para anotação de cada movimento – trilha de sinal manual, glosas, unidades entoacionais, cabeça, linha dos olhos e outros. Porém, sistema de Quadros e Pizzio (2009) é perfeitamente adequado para os objetivos da pesquisa.

A partir do sistema de transcrição que o ELAN oferece duas etapas, tais como: (1ª) TRANSCRIÇÃO – LP para LIBRAS: consta registros selecionados em cada trilha – (a) o uso lexical, (b) a interpretação semântica e (c) os conceitos abstratos utilizados nos textos. (2ª) ANÁLISES DOS DADOS COLETADOS: a partir dos registros coletados foi realizado a análise do processo de tradução cognitiva do TILS durante a interpretação simultânea e a compreensão conceitual dos surdos participantes desse experimento.

6.1 ANÁLISES DO CONCEITO ABSTRATO DE AUTONOMIA

O conceito de AUTONOMIA ('autonomia') para o experimento controlado foi a escolha, pois compreende-se que trata de um conceito complexo que surge em situações de tradução e interpretação na atividade do TILS. Observando nos debates sobre os PCN's foi possível encontrar inúmeros conceitos abstratos que ilustram a importância desses itens lexicais de 'autonomia':

Exemplos de 'autonomia'

[a] “[...] Modelos de professores: em busca da **autonomia** profissional do docente, são discutidos três modelos tradicionalmente aceitos com respeito à profissionalidade dos professores, a saber: o especialista técnico, o profissional reflexivo e o intelectual crítico.”

[b] “Paulo Freire nos ensina a ensinar partindo do ser professor, ele reflete sobre saberes necessários à prática educativo-crítica fundamentados numa ética pedagógica e uma visão de mundo [...] **Autonomia** que faz da própria natureza educativa. Sem ela não há ensino, nem aprendizagem.”

Os microtextos desenvolvidos foram construídos de forma a representarem, mesmo que na forma escrita, algumas estruturas similares às que podem ocorrer na oralidade. Para o experimento, seguem, abaixo-os microtextos elaborados:

Conceitos abstratos para AUTONOMIA

As instituições que atuam no setor particular exercem com AUTONOMIA₁ a execução de diretrizes e normas que se relacionam com as demandas externas. Em contrapartida, o poder público atua nas deliberações de normas legislativas, jurídicas e executivas, que regulamentam e protegem os interesses fundamentais da sociedade. Assim, o cidadão no direito mais amplo e genérico de AUTONOMIA₂ designa com perspectiva o planejamento familiar e social. Para cada contexto escolar a necessidade de defender uma pedagogia de AUTONOMIA₃ está implicada nas ações éticas e políticas. Tal pedagogia é consolidada pelo professor que exerce com AUTONOMIA₄ as inúmeras estratégias que se relacionam entre a teoria e prática. Na oportunidade educacional os alunos atuaram com AUTONOMIA₅ nos diferentes espaços sociais.

Tomando como base o microtexto o conceito abstrato de AUTONOMIA, elaborado especificamente, precisa recorrer ao sentido do lexema no dicionário da língua portuguesa (Ferreira, 1999). O conhecimento deste dicionário está relacionado ao estudo da semântica lexical, que permite encontrar o significado das palavras.

A LC defende que não é possível dissociar o conhecimento lexical do conhecimento de mundo. A LC afirma que o conhecimento linguístico está intrinsecamente associado aos aspectos semântico-pragmático de qualquer língua natural, seja esta de modalidade oral ou gestual. Identificou-se que, para cada conceito abstrato de AUTONOMIA, há vários significados, ou seja, o significado depende do contexto do enunciado. As palavras são interpretadas em relação ao conhecimento estruturado ou pelo domínio da experiência. Apesar disso, buscou-se em dicionário acepções para o item lexical, como ponto de partida. Para 'autonomia' temos:

- • **AUTONOMIA₁** - (“execução de diretrizes e normas”) = (s.f.) **Livre:** faculdade de governar suas próprias leis;
- **AUTONOMIA₂** - (“planejamento familiar e social”) = (s.f.) **Livre:** faculdade de reger-se por leis próprias; de se governar por si mesmo;
- **AUTONOMIA₃** - (“pedagogia [...] implicada nas ações”) = (s.f.) **Liberdade:** ensinar a pensar certo;
- **AUTONOMIA₄** - (“professor que exerce [...] estratégias”) = (s.f.) **Liberdade:** conquista que se alcança na medida em que se luta pela libertação de si, do outro e do mundo;
- **AUTONOMIA₅** - (“alunos [...] nos diferentes espaços sociais”) = (s.f.) **Independência:** faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação.

Atende-se para o fato de que, apesar de AUTONOMIA1 e AUTONOMIA2 remeterem à ideia de LIVRE, e se aplica diferentemente a “legislação” e “planejamento”, o que sugere habilidades e competências diferentes. Da mesma forma, AUTONOMIA3 e AUTONOMIA4 remetem à ideia de LIBERDADE, mas também se aplicam diferentemente à “pedagogia” e ao “professor”, o que também sugere habilidades e competências diferentes.

De acordo com os significados encontrados para cada item polissêmico dos conceitos abstratos de AUTONOMIA (do microtexto), observa-se que não há um significado fixo de sentido em cada lexema. É possível encontrar muitas ocorrências polissêmicas de uso, permitindo aos TILS realizarem escolhas de acordo com seu conhecimento linguístico e cultural.

No caso dessa pesquisa, verificou-se que traduzir e interpretar um enunciado é, portanto, um exercício de compreensão cognitiva com referência a determinado texto, ou seja, é a apropriação de um sentido possível, da uma compreensão linguística e cultural. É fundamental compreender o que se está traduzindo cognitivamente para posteriormente interpretar de uma língua para outra, pois um conceito abstrato pode relacionar-se a diferentes escolhas lexicográfico-gramaticais, e é nessas dimensões que a tradução e interpretação oportuniza descortinar o discurso do enunciado, seja este por linguagem escrita ou por linguagem falada.

Considerando as teorias destacadas nessa dissertação, o contexto representa propriedades para formação de categorias mentais. A principal relação está nas experiências pessoais dos seres humanos, através de seus corpos, numa ação de base fundamental para as atividades cognitivas de percepção, conceptualização, memorização, raciocínio, linguagem, emoções, consciência e entre outras ações que o ser humano estabelece naturalmente. (Gibbs, 2008).

O procedimento experimental, conduzido em um cenário controlado, se, por um lado, reveste-se de certa artificialidade; por outro lado, é uma alternativa que permite prestar atenção a aspectos específicos da situação de comunicação, o que não é possível, em muitos casos, em ambientes de situações espontâneas ou ditas “naturais”. A manipulação de variáveis em procedimentos experimentais permite isolar componentes da comunicação, analisá-los e compará-los criteriosamente.

Em LC os experimentos nossas conceituações básicas da experiência, que determinam nossa maneira de pensar, de expressar criativamente. A hipótese da LC verifica que a linguagem que se usa para falar sobre nossas experiências reflete na

maneira de conceptualizar o cotidiano. Entretanto, o pensamento e linguagem, para os cognitivistas na linha de Lakoff (1988), argumentam que o pensamento, o conhecimento, o significado é correspondente de um conceito, estabelecido por modelos cognitivo idealizado (ICM), ou seja, o conceito abstrato, depende da cultura, comunidades e de contextos linguístico. Gibbs (2008), exemplifica que, a priori, do sentido dos conceitos abstratos, são aderidos à hipótese cognitiva, isto é, o experimento controlado, verifica-se aspectos cognitivos que formam o pensamento e da linguagem.

De acordo com Machado (2017, p. 256) o “desempenho do Tils depende de sua formação, pois se não há aperfeiçoamento ou conhecimento especializado, não se estabelece uma competência interpretativa de atuação, e igualmente de competência linguística das línguas em uso”. Esta pesquisa, contribuir com os estudos teóricos e práticos da Tradução e Interpretação em Libras, amenizando o vácuo que acomete as grandes áreas da Libras, e sobretudo, a área da interpretação simultânea, que ainda é carente de pesquisas, em todos as suas subáreas da tarefa de interpretar simultaneamente, em diferentes contextos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que é objeto deste artigo certamente contribui para aspectos fundamentais da competência tradutória e interpretativa, especificamente nas particularidades da tradução cognitiva e interpretação simultânea dos conceitos abstratos, cuja expressão em língua portuguesa e Libras é tão variada quanto complexa, dadas as diferenças linguísticas nos níveis lexicais e sintáticos entre os dois sistemas. Ao focalizar o recorte de questões semântico-pragmáticas que são problemáticas, mesmo que numa pequena amostra, os conceitos abstratos, [é possível perceber que o TILS quando não obtém o conhecimento prévio da língua de partida para língua de chegada, diante de lexemas conceituais, demonstra que em sentidos espontâneos, durante uma interpretação simultânea, o TILS acaba realizando escolhas imediatas que, nem sempre, expressam o mesmo sentido semântico-pragmático do conceito abstrato da língua de partida. A investigação contribui para o aperfeiçoamento e formações especializadas do TILS que atua diretamente na acessibilidade comunicacional da LP para Libras e vice-versa.

REFERÊNCIAS

- BERNARDINO, Elidéa Lúcia. (2000) *Absurdo ou lógica?* Os surdos e sua produção linguística. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.
- BRASIL. (2005) *Decreto nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>.
 Acesso em: 8 março de 2019.
- BRITO, Lucinda Ferreira. (1995) *Por uma gramática de língua sinais*. Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguísticas e Filologia. 1995.
- DASCAL, Marcelo. (2006) *Interpretando e compreensão*. Editora Unisinos. São Leopoldo. 2006.
- DELBECQUE, Nicole. (2008) *Linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- FELTES, Heloísa P. de M. (2007) *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FERNANDES, Eulália. (2003) *Linguagem e surdez*. Porto Alegre. Editora Artmed, 2003.
- GUMPERZ, J. J. (1984) *Communicative Competence Revisited*. In: SCHIFFRIN, D. (ed.), *Meaning, Form and Use in Context: Linguistic Applications*. G.U.R.T. (Georgetown University Round Table), Washington, Georgetown University Press, 1984.
- HEREDIA, Christine de. (1989) *Do bilingüismo ao falar bilíngüe*. In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane. (orgs.). *Multilingüismo*. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989. p. 177-260.
- HURTADO ALBIR, Amparo. (2005) *Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos*. In: PAGNO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (Orgs.) *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 17-59
- LAKOFF, George. (1987) *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- _____, George; JOHNSON, Mark. (1999) *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. (2017). *Formação e competências de tradutores e intérpretes de língua de sinais em interpretação simultânea de língua portuguesa - libras: estudo de caso em câmara de deputados federais*. Pós-Graduação de Strict Sensu do Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter. Universidade Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2017 [Tese de Doutorado, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2017].
- McCLEARY, L.; VIOTTI, E. (2007) *Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB)*. In: SALLES, H. (Org.) *Bilingüismo e surdez: questões lingüísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p.73-96.
- PEREIRA, Maria Cristina; RUSSO, Ângela. (2008) *Tradução e interpretação de Língua de Sinais: técnicas e dinâmicas para cursos*. Taboão da Serra. S.P. Cultura Surda, 2008.
- QUADROS, Ronice Muller de.; KARNOPP, Lodernir Becker. (2004) *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- _____, Ronice Muller de. (2002) *O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de surdos. Brasília: MEC, 2002.
- _____, R. M. de; PIZZIO, A. L. (2009) *Língua Brasileira de Sinais IV*. Curso de graduação de Letras Libras. CCE/UFSC - 2009.

- _____, Ronice Muller de. (1997) *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- ROBINSON, Douglas. (2002) *Construindo o tradutor*. Bauru: EDUSC, 2002.
- SÁ, Nídia Regina Limeira de. (1999) *Educação de Surdos: a caminho do Bilingüismo*. Niterói: EDUFF, 1999.
- SAPIR, Edward. (1958) *Selected writings of Edward Sapir in language, culture and personality*. David Mandelbaum (Ed.) Berkeley: University of California Press, 1958.

Data de recebimento: 30/11/2019
Data de aprovação: 03/12/2019